

Mãe-Viva

DIRECTOR. VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

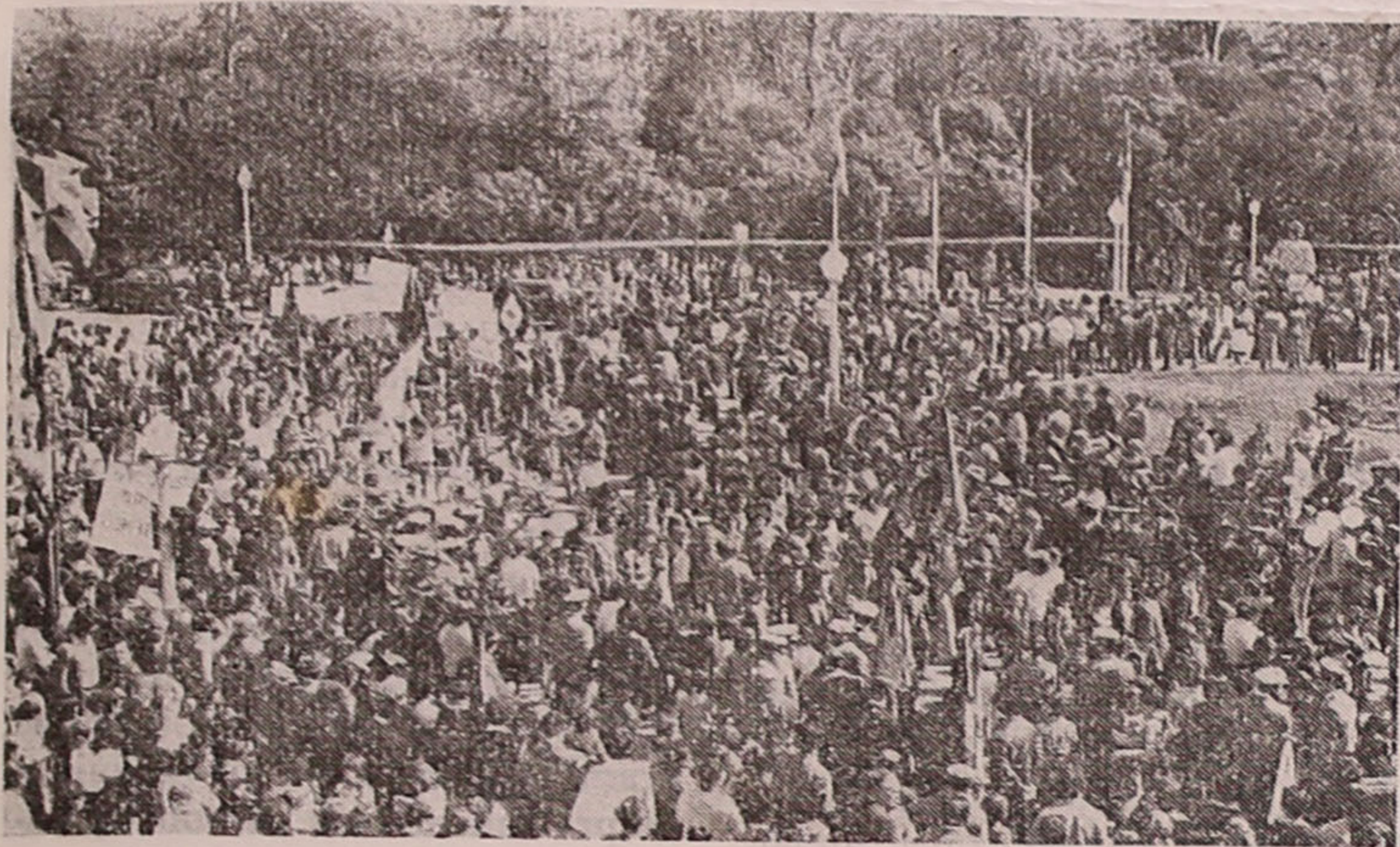
ANO I — N.º 43 — PREÇO 3\$50 — 4/5/77

Comemorações do 25 de Abril em Espinho

Como em todo o País, comemorou-se em Espinho o 3.º aniversário do 25 de Abril, data em que o «movimento dos capitães» derrubou o regime opressor de Salazar e Caetano, abrindo novas perspectivas para o nosso futuro. Três anos passados, três anos de luta constante entre os que querem uma sociedade livre da exploração, da violência e aqueles que pretendem fazer regressar o passado, ainda que vestindo a capa de democratas, de defensores dos direitos do homem. Três anos que terão de significar a continuação desta luta, a constante caminhada para uma sociedade melhor.

Como já tinha sido anunciado as comemorações iniciaram-se às 11 horas, com o hastear da Bandeira Nacional, com a presença das fanfarras das duas corporações de bombeiros locais, no largo da Câmara Municipal. As 15 horas, houve uma concentração em frente da Câmara, com crianças de todas as freguesias do concelho e a presença das bandas de música de Silvalde e Paramos. Após uma alocução lida pelo Vereador, António Gaio, perante centenas de pessoas, deu-se lugar ao programado desfile que desceu a Rua 19 e dirigiu-se para o Campo da Avenida. Nes-

(Conclui na pág. 6)



CONCENTRAÇÃO DOS ESPINHENSES FRENTE À CÂMARA

Notícias da CERCIESPINHO

Já por várias vezes focamos a obra que está a arrancar em Espinho e que começou há pouco a funcionar em pleno — a CERCIESPINHO. Integrada no movimento CERCIE que se iniciou no nosso país há pouco mais de um ano com o fim de educar e assistir as 300.000 crianças inadaptadas que vivem em Portugal, após vários e porfiados esforços de um grupo de pessoas que actualmente forma a actual Direcção, a válida obra é já palpável realidade.

Em contacto com a Direcção que reúne semanalmente várias

notícias nos foram comunicadas.

Assim a CERCIE está a funcionar em pleno das 9 às 18 horas com serviço de refeições ao meio-dia. As inscrições atingiram já a centena. Todos os casos propostos são examinados pelo Instituto de Assistência Psiquiátrica no Porto e classificados provisoriamente. Após essa operação, regressam à CERCIE e são reobservados pelos professores e psicólogo.

Dadas as condições de espaço e número de pessoal, não é ainda

(Continua na Pág.º 2)

De semana a semana

Camões e os «Saudosistas»

Insurgem-se os «saudosistas» contra o facto de o dia 25 de Abril ter sido declarado DIA DE PORTUGAL. E argumentam que o dia 10 de Junho, aniversário da morte de Camões, é que deve continuar a ser o DIA DE PORTUGAL.

O que fará correr esses «patriotas»? Que santa ira se apossou deles e os leva a debitar inflamados discursos, a protestar, a tentar levantar a opinião pública contra a mudança?

Será porque nutrem uma sincera admiração por essa figura ímpar da literatura portuguesa? Será porque sabem e entendem que em 10 de Junho se comemora o aniversário da morte dum português considerado como «a personificação peninsular da Renascença»?

Será o espírito humanista de Camões, o seu carácter independente, o seu patriotismo, o seu pensamento progressista de autêntico homem do Renascimento que, aqueles que, ainda há pouco,

censuravam as suas obras em edições oficiais mutiladas, querem efectivamente homenagear?

Não. Todos vemos bem que não. O que eles pretendem é pôr em causa, atacar, o 25 de Abril e os seus ideais. Retirar-lhe o seu conteúdo. Despi-lo do que ele tem de elevado, de nobre, de puro. O que eles pretendem é arrancar da História de Portugal a primeira página dum nova epopeia que o nosso povo começou a erguer.

O 25 de Abril é a materialização histórica da nossa determinação de construir um Portugal novo e, por isso, é o verdadeiro DIA DE PORTUGAL.

O dia 10 de Junho será simplesmente e inteiramente o Dia de Camões. Porque o homem, o poeta, o humanista, o soldado e o patriota que foi Camões, justificam de sobejo que o País lhe consagre um dia por ano, a oportunidade para uma reflexão e o estudo atento da sua imensa obra.

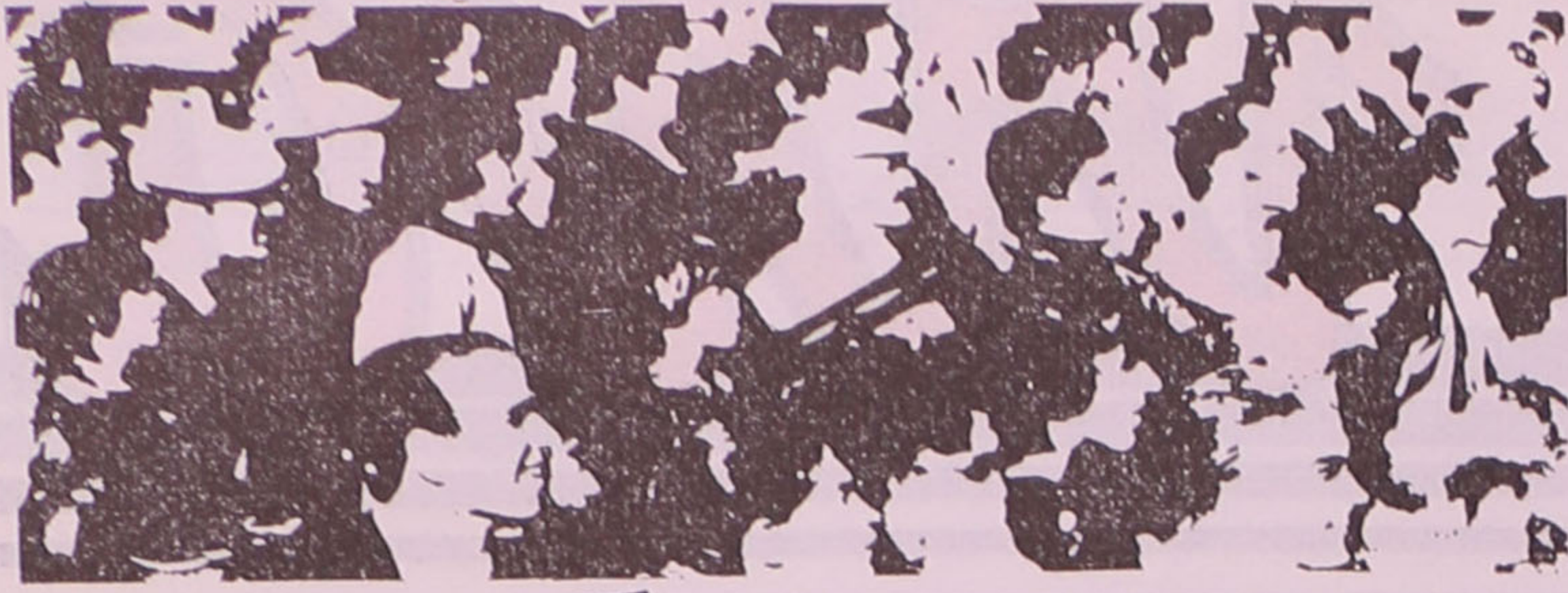
Passagem subterrânea na rua 43?

Quando da sua recente visita a Espinho, foi posta ao ministro da Habitação e Urbanismo, dr. Rui Vilar, uma sugestão para a resolução dos problemas que levanta à cidade a passagem do caminho de ferro e que consistiria na construção dum passagem subterrânea, para automóveis e peões, em frente à Rua 43. O dr. Rui Vilar mostrou-se receptivo à ideia e sugeriu a elaboração dum estudo para posterior aprovação. A Câmara entregou este estudo à sua Repartição Técnica para que se possa avaliar da possibilidade técnica do projecto.

Tratando-se pois dum hipó-

tese algo longínqua e que por certo não virá resolver todo o problema do trânsito em Espinho, terá com certeza, no caso de se vir a concretizar, a virtude de eliminar a passagem de nível em frente ao Bairro Piscatório, que continua a ser (face à espantosa passividade da C. P.) uma armadilha frequentemente mortal para os que se arriscam a passar por ali.

O assunto está pois por enquanto dependente dos Serviços Técnicos da Câmara, a quem, com certeza, não será fácil dar execução imediata, dados os problemas de excesso de trabalho com que se debate.



NOTÍCIAS

Concerto de música da Renascença e do Barroco

Ainda com algumas notas da «Carmina Burana» no ouvido, os espinhenses tiveram na passada sexta-feira, dia 29 de Abril, pelas 21,30 horas o ensejo de assistirem a outro concerto da mesma estirpe (em relação ao complexo vocal e instrumental e na qualidade), apesar do tipo de música ser diferente da obra de Orff.

A feliz realização aconteceu na Igreja Matriz, «palco» bastante apropriado pois a maior parte dos trechos eram de carácter litúrgico, e foi organizada pelas paróquias de Espinho, Anta, Paramos e Nogueira da Regedoura, com a colaboração da C. M. E. (Comissão Municipal de Turismo), Academia de Música e Casa Ruvina do Porto.

Foram executantes o Coro da Sé Catedral do Porto e o «Sollemnium concentus», agrupamento de Metais e Tímpanos que se dedica à divulgação da música do Renascimento. Dirigiu o Padre Ferreira dos Santos, musicólogo de renome no campo da música coral.

O público correspondeu da melhor maneira, enchendo por completo a Igreja Matriz, e ovacionando calorosamente os executantes, o que obrigou à repetição de parte do número final e execução de um Coral de Bach, juntamente com elementos de coros das paróquias vizinhas devidamente ensaiados para o efeito.

Coro da cultural da A. A. E. em actividade

O Grupo Coral da A.A.E. «abriu» a época da melhor maneira, aproveitando o fim de semana 23-25 de Abril. Assim no domingo, 24, compareceu no 1.º Encontro de Coros nas Terras da Feira, onde teve comportamento bastante meritório e apreciado quer pela qualidade de interpretação quer pelo cuidado repertório apresentado.

No dia seguinte, 25 de Abril, segunda-feira, participou num espectáculo popular organizado por uma

Comissão de Moradores de Grijó, realizado naquela povoação.

O Coro vai agora surgir mais vezes. Estão planeadas para dentro em breve actuações conjuntamente com a «NASCENTE» em realizações culturais. As datas não estão absolutamente confirmadas com excepção do dia 21, em que o agrupamento coral colaborará na festa de aniversário da NASCENTE a realizar na Piscina.

Notícias da CERCIESPINHO

(Conclusão da 1.ª pág.)

possível atender os casos mais profundos, e os mais ligeiros são preteridos em favor das crianças mediantemente inadaptadas. A capacidade máxima de crianças que a CERCIE pode receber é de 35 indivíduos, número que é praticado actualmente e convém não esquecer que cada grupo de 5-6 crianças necessita de uma professora e logicamente de uma sala.

O pessoal que tem actualmente é constituído por 5 professores, 4 auxiliares de educação, um psicólogo, um professor de ginástica, dois de trabalhos manuais, uma assistente social (em meio tempo), um encarregado de secretaria e duas empregadas de limpeza. O MEIC dá-lhe verba para pagamento das professoras, psicólogo, professores de ginástica e trabalhos manuais. A CERCIE paga às auxiliares e à futura educadora infantil que será contratada, à assistente social e às empregadas de limpeza.

Os subsídios com que a CERCIE conta, além do do MEIC para pagamento do pessoal, provêm do IASE, IFAS e Gulbenkian. Ape-

sar de no começo tudo parecer muito difícil, os subsídios têm sido prometidos (após esforços burocráticos porfiados da Direcção) e os primeiros começaram a surgir. Com eles tencionam fazer face aos dois principais problemas de momento: o transporte e a alimentação.

A indústria e comércio locais assim como alguns particulares também têm contribuído em materiais diversos. Foi mesmo prometida a oferta de um terreno à CERCIE, no valor de 1.000 contos. O Governo Civil e a Solverde subsidiaram também a iniciativa.

A Direcção apela a toda a população de Espinho para que tente conhecer a CERCIE e mesmo visitá-la. Ao fazerem-no, compreenderão a sua amplitude e ao mesmo tempo esclarecer-se-ão quanto aos casos das crianças inadaptadas, vulgarmente confundidas por ignorância como doentes mentais.

Vai ser feita uma campanha para angariação de sócios que esperamos tenha a justa resposta da população local. A CERCIE é uma obra de todos.

farmácias

- QUARTA-Farmácia Higiene**
R. 19 n.º 393 — Telef. 920320
- QUINTA - Grande Farmácia**
R. 62 n.º 457 — Telef. 920092
- SEXTA - Farmácia Teixeira**
R. 19 n.º 46 — Telef. 920352
- SÁBADO - Farmácia Santos**
R. 19 n.º 263 — Telef. 920331
- DOMINGO - Farmácia Paiva**
R. 19 n.º 319 — Telef. 920250
- SEGUNDA-Farmácia Higiene**
R. 19 n.º 393 — Telef. 920320
- TERÇA - Grande Farmácia**
R. 62 n.º 457 — Telef. 920092

Caldas e Salazar unidos

No passado dia 23 de Abril, pelas 17 horas na Rua 25, a PSP de Espinho, capturou António da Rocha Caldas, de 22 anos, e Júlio Américo da Rocha Caldas, «o Travassos», de 20 anos, ambos residentes na Calçada da Chique Pensão, Vilar do Paraíso, e ainda, José Garcia Salazar, de 20 anos, solteiro, desempregado e residente no lugar do Barão do Corvo, Vila Nova de Gaia.

Foram surpreendidos dentro do automóvel SO-34-55 «Austin», pertencente a Avelino da Rocha, residente na Rua Duque Loulé, Porto, ao qual havia sido furtado, momentos antes, da sua residência.

De notar que ao primeiro capturado foi apreendida uma quantidade de liamba, uma chapa de matrícula AH-35-46, que o capturado confessou ter furtado numa viatura na Maia, um livrete da viatura, bem como o título de registo do automóvel FG-72-111 e ainda uma carta de condução com o número MX-6521, tudo em nome de Cluademiro José Lima dos Santos, com residência nas Dozes Casas, Porto, que António

Da Fundação Gulbenkian para a «Nascente» uma máquina de projectar

Contrariamente ao que sucedeu com outra entidade de serviço público, a Fundação Gulbenkian reconheceu o trabalho desenvolvido pela NASCENTE e atendeu a um pedido feito em relação a uma máquina de projectar filmes de 16 mm, e que chegou à nossa sede no passado dia 28.

Trata-se, com efeito, de uma ajuda muito importante que nos cumpre agradecer, pois todos os filmes de 16 mm do Cineclubes eram projectados com máquinas emprestadas, com os consequentes riscos que sempre têm os transportes sucessivos.

O elevado custo desta máquina era, de momento, incomportável para a NASCENTE, que assim passa a dispor de mais elasticidade para a elaboração da sua programação em 16 mm.

Caldas declarou ter achado há cerca de 18 dias numa praça do Porto.

Saliente-se também, que na esquadra foi encontrada ao José Salazar, uma navalha de ponta e mola e uma argola com cinco chaves que se presume tenham sido utilizadas nos furtos.

Depois de elaborado o processo, os detidos foram entregues ao Tribunal da Comarca de Espinho.

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413 ESPINHO

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:
NASCENTE — Cooperativa de
Acção Cultural, s.c.r.l

Fizeram este número:

Ana Maria; A. Letra; A. Santos; A. Mota; Dário Capela; Eugénio Morais; Fausto Neves; J. Fidalgo; J. Cruz; Morais Gaio; Rogério Baptista; Victor Sousa e A. Pinheiro.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa; Carlos P. Morais; Carlos Pinhão e Martins.
Composição e Impressão: Of. Gráficas da Casa Nun'Álvares - Porto

INSTITUTO DE OBRAS SOCIAIS

Estão abertas inscrições a todas as crianças dos 0 aos 6 anos no Infantário do Instituto de Obras Sociais situado no Bairro Piscatório durante os meses de Maio e Junho.

Director:

Victor Sousa

Redacção - R. 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621
E S P I N H O



S. PEDRO

Dia 5 — Quinta-feira — «Sexo Porno» — Maiores de 18 anos.

O título é tudo...

Dia 6 — Sexta-feira — «O Gendarme Casa-se» — Maiores de 12 anos.

Mais um de Louis de Funès (reposição, é evidente).

O seu humor continua a vencer... mas não a convencer.

Dia 7 — Sábado — «A Jovem Nora» — Maiores de 18 anos.

Tema brejeiro, recheado de piada fácil é o que este subproduto apresenta e que não tem outra finalidade do que dar dinheiro a ganhar a quem o fez. Simplesmente cretino.

Dia 8 — Domingo — «O Império dos Sentidos» — Maiores de 18 anos.

Obra das mais importantes de Nagisa Oshima, é certamente aquela que faz mais depressa perder a indiferença do espectador e o sacode com algo de extraordinário que surge na imagem.

Embora de muito difícil aceitação entre um público desprevenido, é um filme grandioso e digno de admiração pela coragem e perfeição do seu realizador.

Dia 10 — Terça-feira — «Uma Mulher é Uma Mulher» — Maiores de 18 anos.

Datado de 1960, este filme trata-se da terceira realização de Jean-Luc Godard, pelo que denota ainda a falta daquela profundidade e maturidade cinematográfica que o tornou um dos mais notáveis cineastas modernos, (exceptue-se o «O Acoitado», realizado igualmente naquela época). Aconselhável a cinéfilos.

CASINO

NOTA — Os amigos leitores certamente já se aperceberam das péssimas condições em que os filmes são projectados nesta sala de cinema.

Uma imagem filmada num radioso dia de sol surge-nos no «écran» como se tivesse sido captada em dia de nevoeiro.

O esforço óptico do espectador é desesperante e nada salutar.

Certamente que a empresa exibidora dirá que tal situação não irá demorar muito tempo (dois anos, pelo menos), pois outra sala será entretanto construída. Mas temos a registar que de qualquer forma os preços aumentaram recentemente — e de que maneira.

Em suma: «Bem cobrar para mal servir». Não será isto imoral?!

Dia 4 — Quarta-feira — «Três Pistolas Contra César» — Maiores de 18 anos.

O Cinema além de arte é

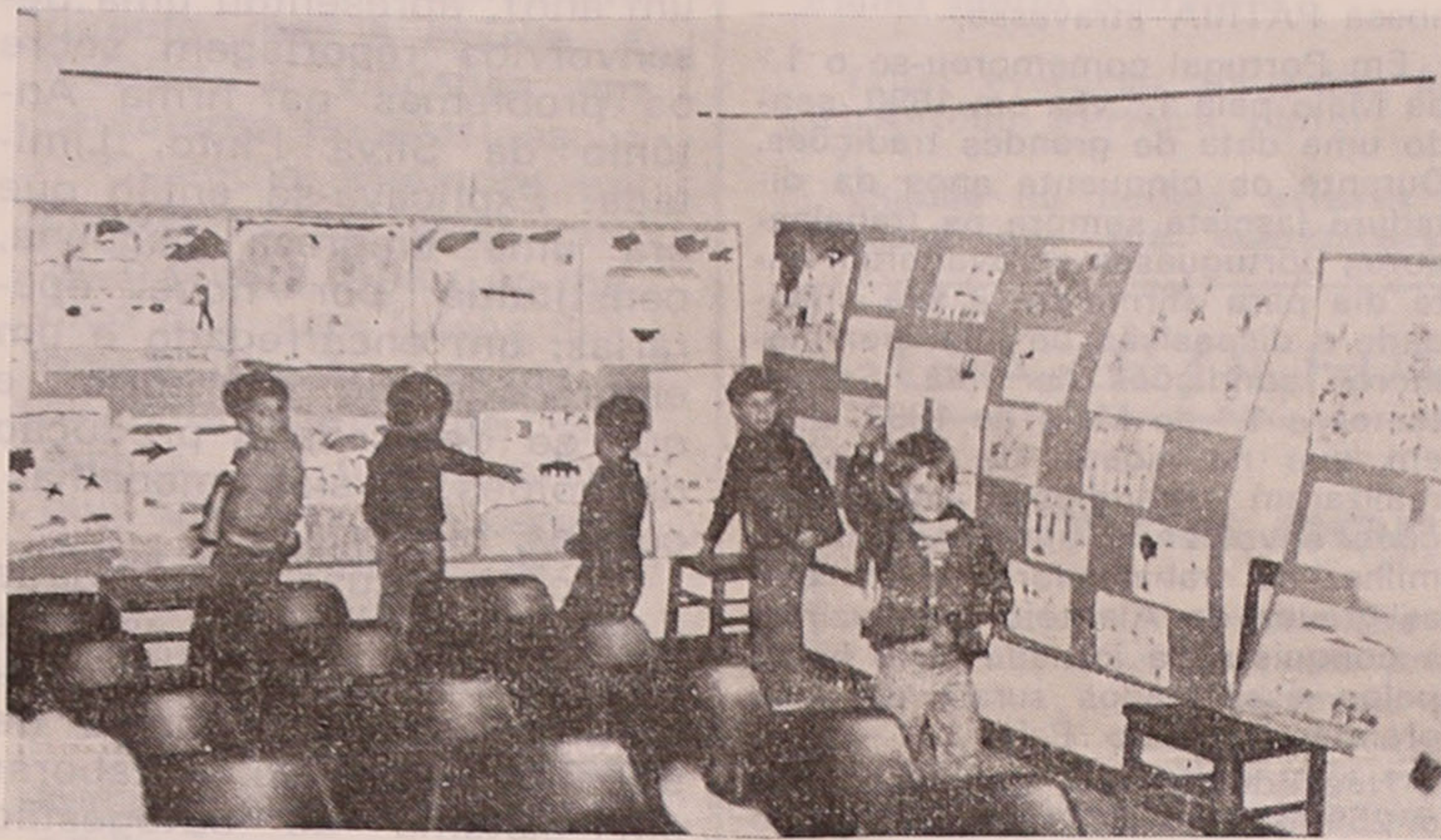
GUETIM

Comemorações do 25 de Abril

— EXPOSIÇÃO DE DESENHO INFANTIL

«No dia 25 de Abril houve uma revolução em Portugal. O dr. Marcelo Caetano foi para o quartel com soldados. Depois um grupo de capitães avisou-os para se entregarem senão o quartel ia pelos ares. No dia seguinte soltaram os presos e foi uma alegria para toda a gente» — José Miguel, 8 anos.

Este pequeno texto encontrava-se no meio de mais de uma centena de desenhos de crianças alusivos ao 25 de Abril e expostos no salão da Junta de Guetim.



CRIANÇAS NA EXPOSIÇÃO DE DESENHOS

também indústria (infelizmente). Como em todas as actividades, fazem-se bons e maus produtos. Esta película é precisamente destes últimos — para pior.

Registe-se apenas a lamentável presença de Enrico Maria Salerno.

Dia 5 — Quinta-feira — «Pronto a Disparar» — Maiores de 18 anos.

É efectivamente este o que aqui referimos anteriormente.

«A Ursula Andress a despir-se, a vestir-se, aos tiros...» e nós sem termos nada com isso.

Dias 6 e 7 — Sexta-feira e Sábado — «Pintores e Raparigas» — Maiores de 16 anos.

De autoria de Frank Tashlin — o melhor realizador dos filmes em que contracenaram Jerry Lewis e Dean Martin — este filme é interessante para todos aqueles apaixonados pela comicidade de Jerry. Simultaneamente é um ponto de comparação com os mais recentes filmes realizados e interpretados por este famoso cómico.

Dias 8 e 9 — Domingo e Segunda-feira — «Alfie Darling» — Maiores de 18 anos.

Alan Price, depois de consagrado no mundo da música «pop», é empurrado para a feitura desta fita na qual interpreta uma personagem de um romance piegas e comercial. Sem interesse.

Encontrámos lá alguns dos autores dos desenhos, que nos foram explicando, o que tinham feito. Todos muito pequenos, o 25 de Abril foi para eles mais um «dia das Festas», embora a ideia dos cravos vermelhos e da «gaivota» fosse dominante em quase todos os trabalhos. O Paulo Sérgio, de 6 anos, mostrou-nos o seu desenho e justificou-se: «Foi uma menina que me estragou a bandeira que estava bem feita» e logo depois «Ali no cravo foi a tinta que correu...». Descansámo-lo, dizendo que, mesmo assim, estava bonito. E cada um procurava mostrar o que tinha



GRUPO CULTURAL DE GUETIM
— BIBLIOTECA, O PRINCÍPIO

O isolamento cultural das populações afastadas dos centros urbanos é quase uma regra, mas não é uma fatalidade. Porque a descentralização cultural é possível. É necessária. E enquanto quase nada se faz a nível oficial nesse sentido, são as próprias populações que têm de tomar nas suas mãos essa tarefa. Formando os seus núcleos culturais, dinamizando a cultura nas suas freguesias, bairros ou lugares e promovendo o intercâmbio com grupos congéneres de outras localidades.

Em Guetim, assiste-se a um esforço sincero neste campo. Manuel Oliveira dos Santos, membro da direcção da Secção de Biblioteca do Grupo Cultural de Guetim, falou-nos do que foi, do que é e do que poderá ser a actividade cultural na sua freguesia:

«A ideia surgiu quando fazíamos parte da Comissão Administrativa da Junta. Na distribuição de tarefas, coube-me, entre outras, encarregar-me da formação duma biblioteca, que julgámos ser um bom princípio para uma actividade cultural regular. Procurámos encontrar pessoas dispostas a trabalhar. Apareceu um número razoável, que ficou entretanto bastante diminuído quando estavam reunidas as con-

(Continua na pág. 6)

— Femininos — 11/15 anos

100 m. — 1.ª, Maria de Fátima Silva; 2.ª, Maria Deolinda Rodrigues.

1.200 m. — 1.ª, Rosa Maria Rodrigues; 2.ª, Maria Deolinda Rodrigues.

Todos estes atletas foram representar a sua freguesia na reunião do dia 25 no Campo da Avenida.

FUTEBOL

O encontro mais importante foi o que opôs as duas equipas representativas de Guetim, assim constituídas:

Guetim F. C. — César; Delfim, Malhão, Ferreira da Silva e Ramos (Pélé); Guilherme, Rocha II e Marçalo; Matosinhos, Rocha I e Alexandre.

G. D. Ronda — Américo; Alcino, Camarinha, Amorim II e Raimundo; Amorim I, Zé Nando e Godinho (Santos); Duarte I, Miguel e Duarte II.

O encontro terminou empatado sem golos, pelo que se teve de recorrer à marcação de grandes penalidades, de que saiu vencedor o Guetim F. C. por 4-3.

feito. Foi assim que os apanhámos na fotografia e os deixámos a discutir os seus méritos artísticos.

Pois em Guetim não foi só isto que se fez alusivo ao 25 de Abril. Houve, no dia 24, missa de festa com a participação da Tuna Musical de Anta e à noite, uma sessão na Junta, com a sala cheia e com a presença do presidente da Câmara de Espinho. Esta sessão decorreu com animado diálogo até que, à meia noite, largaram-se os foguetes e tocou-se o «Grândola, Vila Morena» e o Hino Nacional.

Também o desporto teve um lugar especial nessas comemorações. Atletismo e futebol foram as modalidades em foco e delas damos, a seguir, os resultados:

ATLETISMO — Masculino

— 10/12 anos

100 m. — 1.º, José Salgueiro; 2.º, Carlos Silva.

1.200 m. — 1.º, Carlos Silva; 2.º, Mário Araújo.

— 13/15 anos

100 m. — 1.º, Quintino Braga; 2.º, António Silva.

1.800 m. — 1.º, Fernando Braga; 2.º, Quintino Braga.

— Maiores de 16 anos

100 m. — 1.º, Marcelino Rocha; 2.º, José Adelino Rocha.

3.000 m. — 1.º, Alexandre Correia; 2.º, António Correia.

1.º DE MAIO

Afirmação de unidade dos trabalhadores portugueses

Três anos depois daquele maravilhoso 1.º de Maio de 1974, os trabalhadores portugueses deram uma prova cabal de que não estão dispostos a abdicar das conquistas da revolução. Apesar das manobras de certos partidos e dos chamados sindicalistas da «carta aberta» o povo trabalhador veio para a rua em massa. Os trabalhadores vieram festejar o seu dia e sobretudo afirmar a sua vontade férrea de vencer; vontade, que pese, embora as dificuldades, os conduzirão à conquista duma sociedade mais justa — A SOCIEDADE SOCIALISTA. De norte a sul do País a quase totalidade dos Sindicatos em colaboração com as Uniãoes Distritais e a C.G.T.P./INTERSINDICAL organizaram as comemorações deste 1.º de Maio.

Os trabalhadores vieram para a rua comemorar esta data, não só prestando homenagem aos heróis de Chicago de 1886, mas principalmente com a esperança que se afirma, que revigora! Vieram lançar os seus gritos e cânticos à liberdade! Vieram afirmar as suas certezas e as suas esperanças. Certezas de que o capitalismo não é via para salvar a economia! Esperança de que os governantes entendam as suas certezas!

Na nossa região, e para além da grandiosa manifestação do Porto, onde centenas de milhar de trabalhadores vieram para a rua, também em Aveiro, Ovar, S. João da Madeira, Águeda, etc., milhares e milhares de trabalhadores afirmaram a sua unidade e determinação. Unidade de todos os que estão dispostos a defender a Democracia Portuguesa; determinação em lutar contra a recuperação capitalista, contra as tentativas de divisão do Movimento Sindical, pela resolução dos problemas que afectam a economia e a Sociedade Portuguesa, no respeito pela Constituição da República.

Os cravos de Abril voltaram a estar presentes numa demonstração de esperança e confiança, enquanto os cartazes dos Sindicatos, Comissões de Trabalhadores e

C.G.T.P. / INTERSINDICAL afirmavam a unidade do Movimento Sindical.

Temos ainda nos ouvidos muitas das palavras de ordem gritadas com entusiasmo e convicção por aqueles milhares e milhares de gargantas.

«TRABALHO SIM, DESEMPREGO NÃO! REVOLUÇÃO NÃO FAZ SERVINDO QUEM TRABALHA! CUSTO DE VIDA AUMENTA, O POVO NÃO AGUENTA! AVANTE, AVANTE, PELA REFORMA AGRÁRIA! C.G.T.P., UNIDADE SINDICAL!» estes gritos só por si, são a mais peremptória afirmação da consciência dos trabalhadores relativamente ao momento que a nossa PÁTRIA atravessa.

Em Portugal comemorou-se o 1.º de Maio pela 1.ª vez em 1890, sendo uma data de grandes tradições. Durante os cinquenta anos da ditadura fascista sempre os trabalhadores portugueses aproveitaram este dia para afirmarem a sua vitalidade e disposição de lutar por melhores condições de vida. Salientemos o 1.º de Maio de 1962, data em que na cidade de Lisboa se realizaram grandiosas manifestações envolvendo uma centena de milhar de trabalhadores e em que as greves do Alentejo, conduziram à conquista da jornada de 8 horas pelos assalariados rurais de uma grande parte do País.

Não admira pois, que logo após o 25 de Abril de 1974, um grupo de Sindicatos do Porto, entre os quais citaremos os Metalúrgicos, Bancários, Seguros, Operários de Panificação, Técnicos de Desenho, Escritórios, Têxteis e Comissões de Trabalhadores dos Ourives, Gráficos e Barbeiros entregassem no Comando da Região Militar do Norte, um documento em que davam conta ao Comando das Forças Armadas da realização no dia 1.º de Maio de uma concentração, de um desfile e de um comício, dando assim forma à vontade das massas trabalhadoras de festejarem, no DIA MUNDIAL DO TRABALHADOR o derrube do regime fascista.

Nós e o leitor

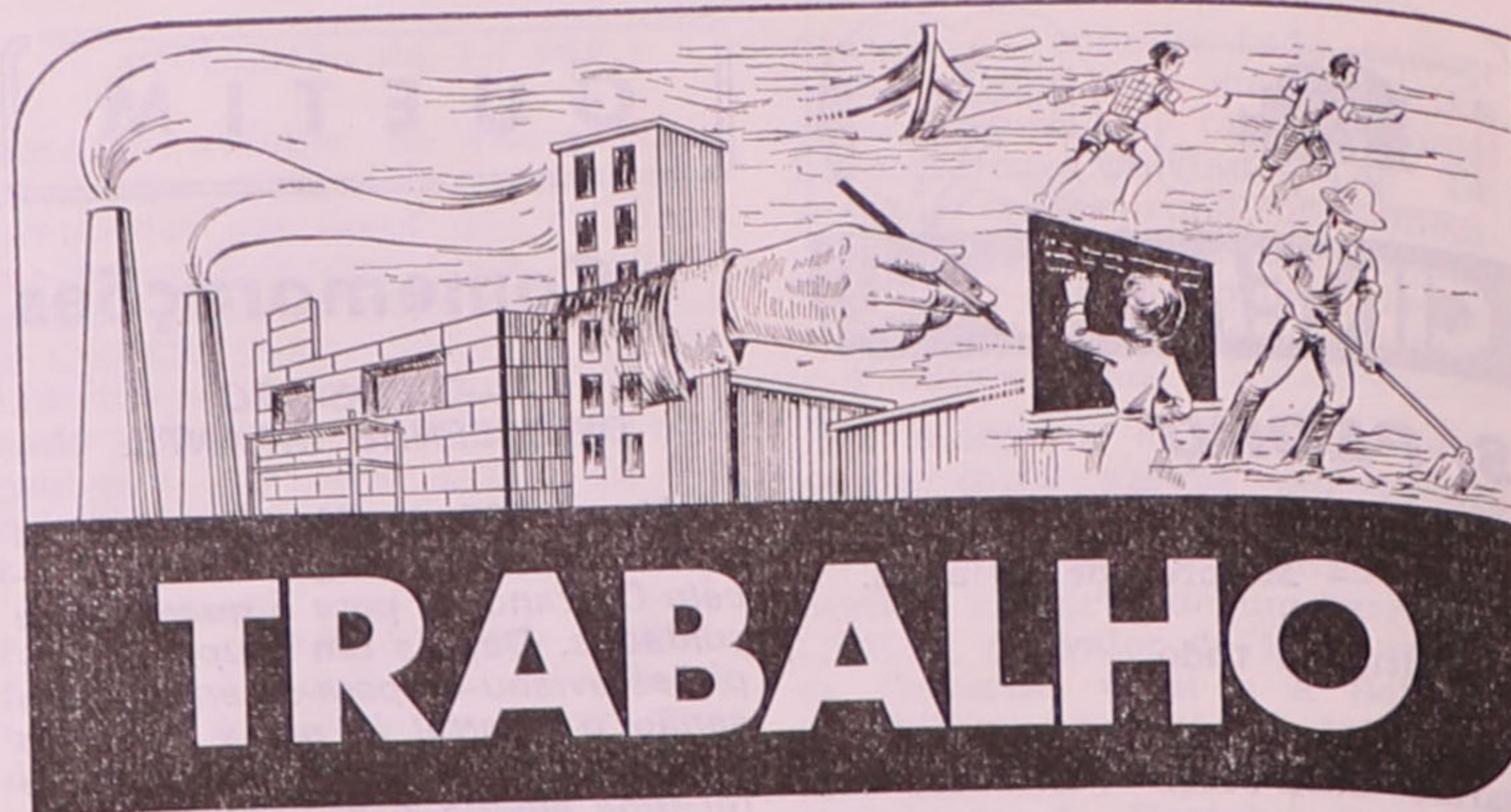
O DIA DA «RAÇA» — A reacção na ofensiva

O subtítulo é um facto que não podemos negar neste momento histórico que vivemos, num Portugal que viu há três anos um punhado de capitães, interpretando o mais profundo sentir do Povo Português — o desejo de libertação e derrube duma ditadura fascista, a sua emancipação e dignidade — numa longínqua manhã de Abril, levar à prática esse sentimento.

Longe vai essa manhã e de então para cá, grande tem sido a actividade das forças

mais retrógradas, cada vez levantando mais a cabeça.

É neste contexto que um digníssimo... deputado da Assembleia Municipal de Viseu, vem propor numa recente reunião de tal órgão o seguinte: «Que seja aprovado um voto de pesar contra a transferência do Dia de Portugal, histórica e tradicionalmente consagrado em 10 de Junho — dia da Raça (sic), dia de Camões — para qualquer outra data, sem obtenção do consenso directo e maiori-



Operários asseguram seus postos de trabalho

«Maré Viva», no seu primeiro número (já lá vai quase um ano), apresentou uma desenvolvida reportagem sobre os problemas na firma António da Silva Pinto, Limitada. Explicava-se então que era uma empresa pequena, constituída por nove operárias, um encarregado e um empregado de escritório, e que se dedicava à produção de botões, fivelas, medalhas, colares, bijuteria.

Face à recusa da entidade patronal em assumir as suas responsabilidades, e para garantirem os seus postos de trabalho passaram a laborar em sistema de autogestão desde Dezembro de 1975.

Nessa reportagem de há um ano dava-se conta das muitas dificuldades que os trabalhadores tinham entre mãos, uma difícil herança da

entidade patronal. Decorridos todos estes meses, e na nossa intenção habitual de acompanhar os problemas à medida que se vão desenvolvendo, fomos lá saber como estavam as coisas. E soubemos que, por agora, os trabalhadores têm conseguido assegurar a produção e as suas remunerações na base de 4.000\$00 mensais (remunerações inferiores às estabelecidas na Portaria).

As questões deixadas pela gestão anterior continuam por resolver. Mas eles mantêm-se abertos a todas as tentativas de resolução definitiva e oficial da situação, uma vez que o seu lema continua a ser só um: defender o seu direito ao trabalho.

Procuraremos estar atentos e ir informando.

MARÉ-RUA

(Conclusão da pág. 5)

tra geração, representada pelo sr. Manuel Dias Ribeiro, carpinteiro, que enquanto lia o jornal, tomava descansadamente o seu café. Redescansadamente o seu café. Abordamo-lo e logo nos correspondeu com toda a atenção e amabilidade:

«O 25 de Abril foi o acontecimento mais importante de toda a minha vida; a melhor coisa que apareceu em Portugal, especialmente para as camadas mais desfavorecidas.

Quando tive a notícia, senti a

maior alegria da minha vida. Eram cerca de 9 horas da manhã e ouvi na rádio as primeiras novidades».

Fechamos por aqui. Creio que tudo o que poderia dizer sobre a primeira data do Povo Português já foi divulgado.

Que esta seja uma pequena homenagem do «Maré-Rua» ao 25 de Abril, à data da queda do fascismo, à vitória do Povo, ao fim das trevas. Há que continuar a data e o seu significado, e actualmente há mesmo que a defender: cerremos fileiras!

tário dos portugueses; que a Assembleia transmita ao Governo, à Assembleia da República e a sua Ex.cia o Presidente da República, com conhecimento à Câmara Municipal de Viseu e ao Governador do Distrito, sua não concordância com a data 25 de Abril como Dia de Portugal, enquanto a Nação se não pronunciar directa e favoravelmente sobre a designação feita.

Senhor coronel Horácio Ro-

drigues, «independente» do CDS, é demais.

Creio não serem necessários mais comentários, pois não há palavras para qualificar tal proposta. A «raça» portuguesa são todos os trabalhadores deste país, todos os explorados e esses sim, saberão dar uma justa resposta a todas estas provocações.

Manuel Carreira de Oliveira e Silva

Figuras, Figurinhas e Figurões...

A triste história do genial Custódio Melindre

Ele estava, ou melhor, sentia-se no trono dos poderosos, majestosamente, empunhando de forma viril a sua pena. Não era um comum dos mortais, um vulgar número nas estatísticas. Ele era o imperador absoluto dos cronistas. E as suas crónicas saíam de jacto, vertiginosamente. Eram um imenso caudal, uma avalanche gigantesca, e gigantesca porque ele apesar de estatura pouco favorecida, era um Tarzan latino, um Sansão do seu bairro, ainda que o cabelo fosse quase nulo. Mas para que ligar a mesquinhos pormenores se o que interessava era o seu talento, a sua fertilíssima imaginação, a sua incansável pena?

Custódio Melindre era, portanto uma figura que se impunha não pela aparência, mas pelo génio que faiscava na biqueira dos sapatos, no vinco das calças. Tudo o que vinha à rede era peixe, tudo era motivo para umas páginas de prosa. Principalmente no que lhe dizia respeito. Suponha o leitor que inadvertidamente, cruzando com ele em qualquer esquina, lhe pisava um calo. Infeliz e imprudente acto, pois o nosso Custódio Melindre, imediatamente diria das suas razões. Não naquele momento, pois ele não deveria descer tão baixo a confrontar-se consigo, não que lhe faltasse confiança na sua veia oratória ou na sua resistência hercúlea. Não, a sua pena era mais certa, os sublinhados, as reticências, os

pontos finais, as vírgulas, o despejar infinito de advertências, de adjetivos, à mistura com alguns conceitos de ética, eram muito mais acutilantes. A sua arma não era portanto a palavra, a explicação directa, mas a escrita, a crónica, a vingança em caracteres tipográficos.

Custódio Melindre escudava-se tal qual cruzado contra infiéis no machoço das suas frases despejando sobre todos a cortante lâmina de suas prosas. Era um cavaleiro que em vez de espada usava máquina de escrever, um atirador que em vez de pistola usava a esferográfica.

É claro que existem sempre os invejosos, os adversários, e Custódio Melindre em cada semelhante criava um inimigo implacável, porque ele era superior, imperador absoluto no reino das prosas. Mas os reinos têm sempre um fim, mais ou menos abrupto.

E quando Custódio Melindre se deu conta, viu por todo o lado, nos baldes do lixo, nas esquinas, os jornais onde se poderiam ler as suas prosas, intactos sem um mínimo sinal que demonstrasse que alguém os tinha lido, eram montes e montes de jornais. Por todo o lado. Era a fria indiferença perante a sua genial obra.

Custódio Melindre, despeitado, dedicou-se em seguida a pescar, olhando fixamente o anzol imóvel, que não atraía um único peixe. Nem sequer uma espadilha!

MARÉ-RUA

25 de Abril

No dia 25 de Abril fomos para a rua. Associando-nos a tudo quanto se destina a fazer lembrar aos portugueses o que foi tal data para o Povo Lusitano, pedimos às pessoas que descrevessem a sua situação física e psíquica quando souberam da notícia da Revolução dos Cravos. O Miguel Nunes, estudante, foi o primeiro a responder-nos:

«Estava em casa a estudar durante a manhã. Quando me comunicaram que se tinha dado um golpe em Lisboa, relacionei o caso com o que anteriormente se tinha dado nas Caldas da Rainha. Fiquei muito confuso!».

Igual evocação foi feita pelo sr. António Ferreira, pintor:

«Soube da notícia através de pessoas que ma comunicaram.

Fiquei satisfeitiíssimo, pois, sempre detestei Salazar... Mas pensava que iríamos para muito melhor. Afinal...».

História muito curiosa, contou-nos o sr. Arsénio Pereira da Rocha, empregado da construção civil. Ouçamo-la:

«Pois eu cheguei a Lisboa precisamente no dia 25 de Abril de 1974, mobilizado para o Ultramar. Ia assim embarcar. Quando vi aquilo fiquei muito confuso, pois diziam-se muitas coisas. Depois de nos dirigirmos à Unidade que nos estava destinada, verificamos que tudo fora cancelado e viemos para a rua. Então, sim, foi tudo formidável!».

Para terminarmos ouvimos ou-

(Continua na Pág.º 4)

GAZETILHA

Vamos correr a «Borda»!

Aproxima-se o Verão
Com seu programa de festas
E há festas de toda a raça...
Mas não estas:
Pois aqui vai sugestão
P'ra que um torneio se faça,
Típico, de tradição:
A «ricachia»!
Um aviso ao forasteiro:
Em vernáculo vareiro,
Corrida ou competição
Chama-se — uma «ricachia»!
No campo da fantasia
Meu «vareirismo» não passa
Sem vos dizer:
— Quem não tiver que fazer
Que venha e seja «da corda»,
Em «ricachia» a valer,
Vão todos «correr a borda»,
Porque a inscrição é de graça.
Corre o vareiro e o fidalgo
E entre os senhores,
Até doutores,
Correm muitos pescadores,
«Camaradas» da companhia,
Mestres no «sprint» e na manha.
Ninguém faz figura d'urso
No percurso
Praia da «Séca» a Paramos;
Basta correr como um galgo,
Ou como um burro — digamos
Nessa clássica maneira
Vareira.
A par do Zé Remelgado,
Aí vai D. Mendonça Mendes:
Na ponta da liça o tendes,
A correr como um danado.
E diz D. Paio Sampaio
Para os seus sobrinhos Lopos:
— Vocês já estão com os copos!
Não entram nisto, cum raio! —

No final
Do festival,
No «Marreta» há caldeirada
Para a equipa premiada:
Mas não haja vozearia
Na hora exacta:
— Porque hão-de ser «os da Mata»
Quem ganham «a ricachia»!

Alberto Barbosa (BEKA)

Reparações em instalações eléctricas
e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA.

Venda de todo o material electrodoméstico e de baixa tensão

Rua 18 n.º 955

Telef. 923259

ESPINHO

Banda Desenhada

Um criador do Universo

O «Jornal do Cuto», semanário dirigido por Roussado Pinto, divulgou entre nós a maior parte das histórias de «Cuto», desde as mais remotas aventuras inicialmente publicadas em «Chicos», até ao mais recente episódio da série, «Crime Mundial Inc.», que a atribulada edição da Portugal Press publicou em estreia mundial.

É por demais conhecida a preferência que Jesus Blasco revela em desenhar personagens infantis, conjugando a uma ideia proveniente da sua primeira produção para hebdomadários infantis, um indeterminado lote de características insólitas, que o preocupam numa fase avançada da vida. «Nunca he discriminado bien lo que es real y lo que no es real» — disse — «hay que crear un terror subjectivo» (in «Terror Fantastic», n.º 6, Março 72). O caso de «Anita Diminuta» (1941) é mais concludente. Enquanto «Cuto» (1940) se perde simplesmente em peripécias puramente aventureiras, deliciando uma rica imaginação em novas descobertas de intriga policial e coadunando uma linguagem que se identifica com uma cultura essencialmente violenta (onde predominam os consagrados dogmas do viver ocidental, acalentados por diversos tipos de reaccionarismo bem palpáveis — uns materiais, outros de incidência muito mais ambígua), por outro lado, «Anita» descreve-nos um outro mundo, muito mais fantástico. Segundo Luís Gasca, Blasco «recolhe nos seus quadros a tradição colorista, frequentemente cruel, dos contos de fadas popularizados naquela época em Espanha por Calleja» (in «Quadros» n.º 5, Setembro 73).

Estas duas criações formam um caso à parte na história do «comic» espanhol, e não só. São também duas excepções fundamentais na obra

deste ilustrador, pois reflectem indubitavelmente o ponto máximo daquilo que desejava fazer algum dia. Tudo o que fez a seguir («John Drake», «The Steel Claw», «Los Guerrilleros», «Otto Pip», «Edward and the Junblies»...), não foi mais que a garantia exacta de subsistência económica, na certeza de firmar um nome, um talento, numa produção que se alarga aos mais variados tipos do público consumidor. Todavia, Blasco não é um narrador-autor vulgar. É, antes, um estilista preocupado em remodelar constantemente a visualização da sua obra, embora mantenha um grafismo peculiar. «Me agrada sobremedida la narrativa grafica actual y admiro fervientemente a muchos colegas de la «nueva ola», pero no me interesan en absoluto el virtuosismo huero o el empleo caligráfico que implica extrema preocupación técnica y que no tenga por ese motivo la fuerza de expresión que se debe transmitir» (in «El Globo», n.º 8, Outubro 73).

Por simples curiosidade, saliente-se a criação de «Rob Riley» — o que os espanhóis chamam de «Cuto inglês» —, realizada em exclusivo para a empresa britânica Fleetway, e publicada na revista «Look & Learn», juntamente com outra sua idealização: «Montezuma's Daughter». «Rob Riley» acaba de ser lançado em Espanha, na colecção «Serie Roja» dirigida por Juan Llop. Recentemente foi editado em álbum, numa colectânea de 5 episódios que me chegou às mãos. Num estilo que lhe é bem familiar, Blasco volta a jogar com excepcionais enquadramentos e jogos de claro/escuro, levando à baila a odisseia juvenil — «Rob», um jovem estudante, filho de um capitão da marinha mercante, que vive estranhas aventuras com os seus amigos colegiais.

Jorge Guerra

Comemorações do 25 de Abril em Espinho

(Conclusão da 1.ª página)

te desfile incorporaram-se além das referidas crianças e bandas de música, muitas pessoas, representantes de várias agremiações desportivas populares do concelho e os habituais e vistosos «gigantones».

No campo da Avenida emoldurado por muita alegria, dominando a juventude, imperando a vitalidade, a poesia das crianças. Após a largada de pombos, iniciaram-se

Pretende-se, ao evocar a data gloriosa do 25 de Abril, que as crianças tenham um papel fundamental, pois é nelas e no seu futuro que residem e se encontram apostadas as grandes motivações do «Movimento dos Capitães».

O 25 de Abril, ao restituir ao povo português as liberdades fundamentais, criou as condições necessárias para libertar as crianças da injusta e dolorosa situação em que se encontravam, e, em muitos casos, ainda se encontram, situação que o grande escritor José Rodriguesrigues Miguelis magistralmente registou nas páginas que passo a ler:

«E logo hoje, senhor, que eu venho sem flor na botoeira! Se tivesse uma flor... Uma flor! Eis quanto me proponho fazer por esta pobre criança desentendida! Dar-lhe uma flor, ou um tostão. E ainda o senhor quer que um homem tenha a consciência tranquila! Mas que posso eu fazer, sozinho e alheio a estas vidas? A quem pedir socorro?»

Sim, quem escuta os segredos, os mistérios, as alegrias e aspirações da infância? quem lhe acalma a sede insaciável de ternura, quem responde às suas perguntas ansiosas e comovidas, quem lhe dá o vaso de terra fresca onde ela possa cultivar as flores da sua fantasia?

Flores e ternura esmagadas, a

várias provas de ciclismo, em que participaram os jovens atletas do Clube Académico de Espinho, e de atletismo, em que concorreram jovens de todo o concelho.

Celebração do 25 de Abril, consagração das crianças, de quem depende a continuação dos ideais que se pretendem implantar, o futuro de Portugal. A seguir transcrevemos parte do discurso feito, em especial para as crianças nos Paços do Concelho.

poeira das velhas coisas, de mentiras e crenças venenosas, de ódios, despeitos, sonhos renunciados e egoísmos satisfeitos, envolve e sufoca a frescura destas vidas abandonadas. Quem as arrancará da sombra destas velhas e de outras velhas ainda piores, as de vestido roxo da Paixão, com rendas de luto negro e estrelas de brilhantes, para as fazer viver outra vida, que seja toda ela um jardim de infância, com luz e perspectivas?».

Estas as palavras do escritor. Gostariamos que elas—ao mesmo tempo belas e dolorosas—servissem de meditação a todos quantos, nesta terra, têm responsabilidades na educação e formação das crianças, de modo a que panoramas como este desaparecessem por completo da realidade social que desejamos construir.

A vós, crianças, que ainda anteontem enviastes um dos mais lindos recados que temos lido:

«Senhores oficiais, sargentos e soldados de Portugal, vimos pedir que as vossas armas sejam flores, para que em Portugal possamos ter sempre paz, pão e amor. Obrigados!».

Prometemos tudo o que estiver ao nosso alcance para que o vosso futuro seja o mais promissor possível.

Crianças: o 25 de Abril é vosso. Defendei o 25 de Abril. Viva o 25 de Abril. Viva Portugal.

CASA

TRANSMONTANA

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em Bacalhau à Transmontana e Rojões à Portuguesa

LANCHES VARIADOS

Serve-se o melhor vinho de Rio Maior

Avenida 8 n.º 774 ESPINHO

Manuel da Feira

Manuel de Oliveira M. Ferreira

Serviço à lista - Almoços e Jantares - Cozinha Regional Especialidade em frango embragado e Coelho à Beirão

Rua 26 n.º 625 — ESPINHO

GUETIM

Grupo Cultural

(Conclusão da página 3)

dições para a biblioteca começar a funcionar».

«O dinheiro também não havia e também não queríamos recorrer à Junta, para não a sobrecarregar. Para arranjar livros decidimos, pois, contactar editoras, livrarias e a Fundação Gulbenkian. Fomos bem sucedidos em relação a alguns destes casos, nomeadamente em relação à Fundação Gulbenkian e ao prof. Adelino Ramos, guetinense que vive em Espinho, e que nos cedeu um considerável número de volumes. O mesmo não aconteceu em relação a algumas livrarias de Espinho».

«Conseguimos assim reunir 500

exemplares para começar com a biblioteca, aproveitando uma pequena sala do edifício da Junta. Uma sala bastante pequena, mas que serve, até se arranjar melhor».

«Começámos por abrir duas vezes por semana e verificámos que eram as crianças e os jovens que mais procuravam livros. Esta tendência tem-se mantido e daí termos orientado a aquisição de novos livros atendendo a esta frequência. Porque os adultos são infelizmente muito poucos».

«Achamos contudo que é importante criar o hábito de leitura nas crianças e isso anima-nos a continuar. Contamos, por agora, para as despesas, com a quotização de 7\$50 por mês de cerca de 130 só-

cios, por isso chamados de sócios contribuintes, e que têm apenas a regalia de poderem requisitar os livros por um prazo superior em cinco dias».

Projectos para o futuro?

«É evidente que a actividade do Grupo Cultural de Guetim tem de ser mais do que uma biblioteca. Embora esta secção nos mereça o maior cuidado, não nos podemos ficar por aqui. Já se tentou criar uma secção de teatro, mas a verdade é que não temos instalações para isso. Recentemente a NASCENTE veio cá passar o filme «Viva Portugal» e julgamos que se estes filmes tiverem aqui um carácter

regular, o que é importante só por si, poderá atrair maior número de pessoas para a actividade do Grupo. Isto é extremamente necessário, pois sem gente nada se faz e por agora, as pessoas que tomam parte activa no Grupo resumem-se ao núcleo da CEIFG».

«Parece-nos, no entanto, e aproveitando as comemorações do 25 de Abril como referência, que a actividade desportiva poderá ser a nossa tarefa imediata e que reúne condições para um arranque breve. Para isso contribuirá a cimentação do pequeno campo aqui ao lado. Não se trata propriamente duma actividade cultural, mas é nosso dever aproveitar esta oportunidade até que surjam melhores dias».

FUTEBOL

Tirsense, 1 — Espinho, 1

— Que fez correr o Tirsense?

TIRSENSE — Nini; Carlos António, Filipe, Sérgio e Viana (Semedo); Jô, Rocha e Sousa Pinto; Zeca, Manuel (Luís) e Araponga.

ESPINHO — Serrão I; Gomes, Pereirinha, Gonçalves I e Raúl; Meireles (Gentil), João Carlos e Gonçalves II (Juvenal); Serrão II, Reis e Vaqueiro.

Árbitro — Manuel Vicente, A. F. de Vila Real.

Marcadores: Reis, aos 41 minutos e Araponga, aos 56 minutos.

Muita gente de Espinho a acompanhar a sua equipa esperançada por certo numa vitória. Assim o fazia crer a diferença de valores entre as duas equipas e a circunstância do Tirsense já ter o destino (III divisão) traçado.

Mas os bastidores do futebol profissional trazem as suas surpresas. Não seria surpresa ver-se o Tirsense tentar ganhar o jogo, como compete a profissionais, jogar futebol para o justificar. Surpresa, mesmo inacreditável, foi ver-se a toada descaradamente violenta e ameaçadora de alguns dos jogado-

res tirsenses, que o jogo da primeira volta não fazia prever.

O árbitro «colaborou» perfeitamente, deixando que os jogadores espinhenses sujeitos a autênticas agressões e que alguns ficassem compreensivelmente intimidados. O sr. Vicente, muito parcial também a «ver» o que de futebol houve no jogo, culminou a sua «actuação» exibindo o cartão amarelo ao massagista espinhense, que teve de entrar em campo nada menos de seis (!) vezes para assistir a João Carlos (duas vezes), Serrão I (atingindo na cabeça por Manuel), Vaqueiro, Pereirinha e Gomes.

Apesar de tudo, o Espinho podia e merecia ter ganho o jogo. Mas não jogou bem, sobretudo o seu meio campo, onde só João Carlos conseguia remar contra a onda de violência. Meireles e Gonçalves II demasiado apagados viriam a ser bem substituídos, talvez já um pouco tarde.

A equipa lutou, não conseguiu ganhar, mas pôde sair de cabeça levantada, dando uma lição de desportivismo difícil de igualar naquelas circunstâncias.

A I Divisão ficou mais longe, mas pelo menos a «liguilla» está perfeitamente ao alcance.



DESPORTO

DE RELANCE

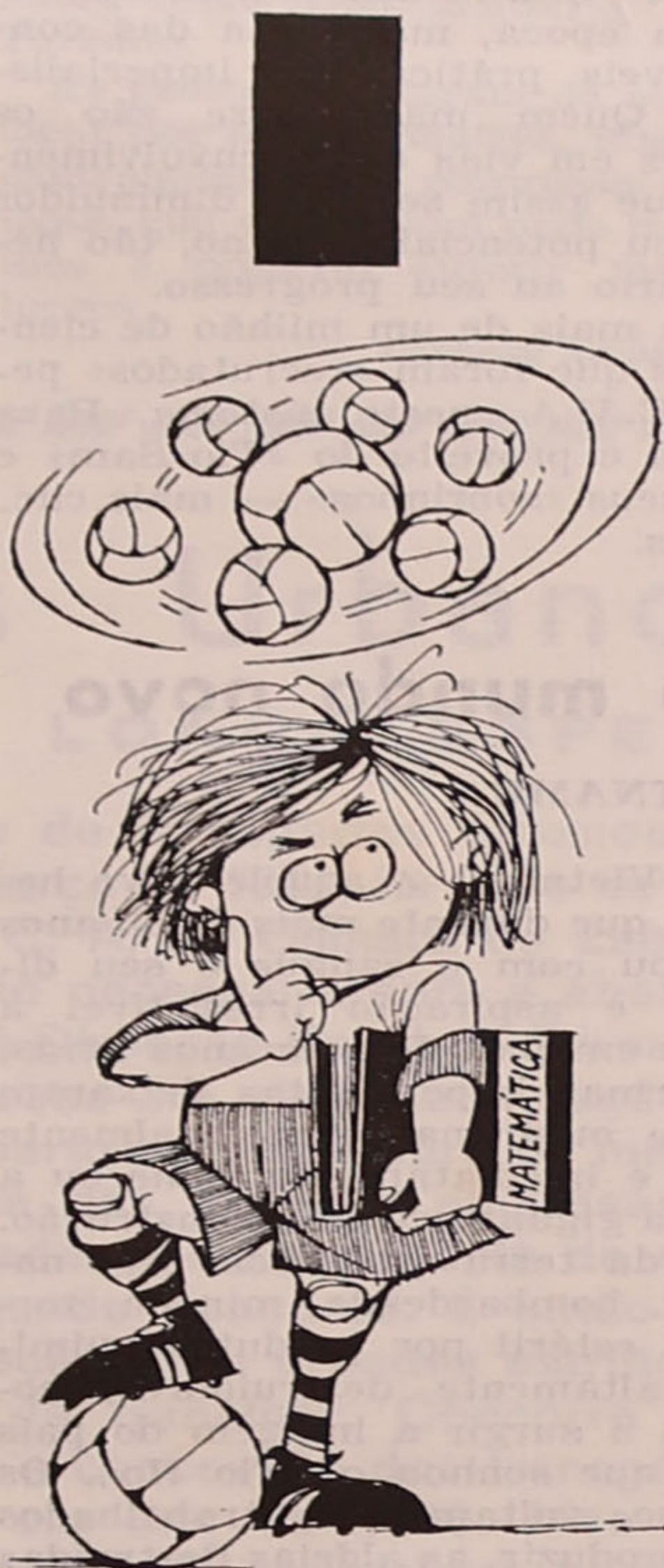
No hóquei em patins salienta-se a vitória da AAE sobre a Oliveirense, adversário sempre difícil o que veio colocar os espinhenses numa posição mais confortável, apesar de as hipóteses do 4.º lugar serem muito remotas. Salienta-se também a goleada dos iniciados frente ao Valongo, resultado esse que veio cimentar a sua posição de líder.

No voleibol, o encontro que despertava maiores atenções era sem dúvida aquele que opunha os iniciados do SCE aos da Académica de S. Mamede, equipas que à priori eram os potenciais favoritos à vitória final neste nacional. E dizemos eram, porque julgamos que com esta derrota os jovens espinhenses devem ter comprometido quase totalmente as suas aspirações. Efectivamente, os miúdos de S. Mamede são excepcionais para a categoria de iniciados. Com um nível de altura muito bom (dois deles têm 1,80 m) e um grande poder atacante, souberam tirar partido do desacerto da equipa espinhense onde apenas o pequeno-grande jogador que é Ricardo esteve à altura. Em resumo, vitória certa da Académica de S. Mamede por 3-0 com parciais de 15-13, 16-14, 15-13.

FUTEBOL de A a Z

INTELIGENCIA — André Maurois, um célebre escritor francês, disse que o futebol era «a inteligência em movimento». É um grande elogio ao futebol e é uma grande verdade, porque se deparam constantemente ao jogador verdadeiro problemas que ele tem de resolver, de imediato, sem tempo para grandes meditações. Se pára, vem o adversário e levante a bola. Problemas de vária ordem: dominar um objecto que se lhe esquia, integrar-se nos movimentos de conjunto da sua equipa, ludibriar um adversário que está mesmo ali para lhe roubar a bola. E tudo isto num ápice. Não têm razão aqueles pais que não querem que os filhos joguem à bola, porque o jogo os embrutece. É o contrário. Fizeram-se experiências, em França e chegou-se à conclusão que têm melhor aproveitamento os estudantes que têm a prática desportiva incluída nos seus programas escolares. Não se quer um futebol «selvagem», com todos os seus perigos, mas uma prática estruturada e controlada e, portanto, sem razão para os receios paternos. É até importante que os pais participem e impeçam possíveis erros.

Carlos Pinhão
Desenho de Martins



Brevemente em Espinho
ÂNGULO DAS RUAS 23 E 20
PÁ VELHA

RESULTADOS

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (Feminino)

Francisco de Holanda, 3 - AAE, 2
AAE, 3 - Vianense, 0

Seniores

AAE, 1 - Sport, 3

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato Regional de Iniciados

AAE, 17 - Valongo, 1

Campeonato Regional de Juniores

AAE, 0 - Valongo, 1

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (Zona Norte)

AA, 5 - Oliveirense, 3

VOLEIBOL

Campeonato Nacional de Iniciados (Fase Final)

SCE, 0 - A. A. S. Mamede, 3

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (Masculino)

Santo Tirso, 3 - AAE, 2
Francisco Holanda, 3 - AAE, 2

Cartório Notarial de Espinho

Notária Lic.: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro

CERTIFICO que por escritura de hoje, a folhas 103, do livro deste cartório B-49, foi feita a HABILITAÇÃO DE HERDEIROS por óbito de ADRIANO PEIXOTO DE CARVALHO, falecido em 6 de Abril de 1977, em Espinho, onde residia, na Rua 9, 475, o qual foi natural da freguesia de Pedroso, concelho de Vila Nova de Gaia, casado, em comunhão geral de bens com Joaquina Rosa de Jesus, hoje sua viúva, natural da mesma de Pedroso, residente em Espinho, Rua 9, 475. Que nela foram habilitados como seus herdeiros, seus filhos, JOAQUIM ABEL DE JESUS PEIXOTO, casado com Maria José Andrade Ferreira Peixoto e MARIA ALICE DE JESUS PEIXOTO CASAL RIBEIRO, casada com Alfredo Casal Ribeiro, ambos naturais de Espinho, onde moram, ele na rua 12, 645, 1.º, direito e ela na rua 7, 250, casados em comunhão geral de bens.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, dois de Maio de 1977.

A Notária,

Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro

RASCUNHOS

Para poder levar a bom termo o meu curso liceal, fui forçado a meter no bestunho montes e montes de coisas, de números, de datas, de nomes. Havia que empinar até chegar a mulher da fava rica. Em carga máxima. Por cabeça minha aí me quedei, o que me poupou acumular no meu computador encefálico mais uma pesada carga de coisas, números, datas e nomes, a que haveria que acrescentar um pomposo título universitário.

Terminados os estudos, não tive outro remédio senão entrar na vida prática, para garantir a subsistência, já que «ele» não cai do céu, não anda por aí aos pontapés e não vejo hipótese de conseguir fortuna pela lotaria (em que não jogo) nem pelo totobola (onde nunca consigo fazer um treze senão somando as duas colunas da minha semanal aposta). Quem não usa não é mestre e em consequência da profissão que abracei a maior parte daquilo tudo que a memória fixou no período liceal foi-se pelos ares afóra.

Muitas vezes, pensando nisso, pergunto-me sobre a (in)utilidade de muita matéria que aprendi e decorei. Algumas coisas estão ao meu serviço no dia-a-dia e nem dou por ela. Outras, como o terível e profundo Latim, sumiram-se por completo. Outras, como os símbolos químicos, são bom auxiliar para as palavras cruzadas. Outras, ainda, são palavras que me estão coladas ao cérebro mas das quais, francamente, nada sei.

Vem isto a propósito do que aprendi na geografia do meu tempo, uma geografia de antes da guerra de 39/45, após a qual tantos e tantos novos países se tornaram independentes e mudaram de nome a ponto de algumas notícias dos órgãos de informação me porem francamente à rasca para localizar geograficamente os acontecimentos. E, pelos vistos, até houve muitas alterações cá no nosso próprio país, neste niquinho da ibérica península.

Nos meus tempos de menino e moço, ensinaram-me que o concelho de Espinho pertencia à Província do Douro Litoral. Pois outro dia, em comunicados dos CTT a propósito de anunciar as estações que passariam a funcionar nas manhãs de sábado, o nosso concelho era incluído na Beira Litoral.

Mas ainda há pior. Aqui há tempos li numa revista semanal a notícia de que ia estreiar-se em Portugal (assim mesmo, em Portugal) o Circo de Moscovo, o tal do Popov. Aí, fiquei de nariz à banda porque dias antes eu tenho a certeza de que tinha visto no Porto o citado circo, o qual, terminada a série de espectáculos fixada, tomou o comboio para Lisboa. Afinal a que país pertence o Porto? Ou é mesmo verdade que

QUAL SERÁ O MAIS BONITO?

Há meninos que se chamam [Li-Pu-Chim e têm olhos assim...

Há meninos de pele escura e a boca desta grossura...

E há os nossos meninos — os lindos!

Só que Papá Li-Pu-Chim Mamã Carapinha Papá Mestiço não são do mesmo parecer.

Já tinham pensado nisso?

Texto de CARLOS PINHAO



Desenho de JOÃO MARTINS

NOTAS INTERNACIONAIS

Por ANTÓNIO SANTOS

Do mundo velho

E. U. A.

Os Estados Unidos da América são uma das maiores potências económicas mundiais. Em todo o mundo o «modo de vida à americana» é invejado por milhões de homens, que o encaram como símbolo de bem-estar e felicidade.

Entretanto, grande parte da população americana vive abaixo dos níveis oficiais de subsistência, contando-se em mais de 10 milhões o número de desempregados.

Os E. U. A. são também uma grande potência em todos os domínios da ciência. Mas 41% dos seus cientistas distinguidos com o Prémio Nobel não são cidadãos americanos de origem. Isto porque o «roubo de cérebros» é uma prática corrente na América: umas vezes convida-se os estudantes mais brilhantes de países estrangeiros a estudarem nos E. U. A... e acabam por lá ficar; outras vezes vai-se mesmo buscar aqueles que se formaram nos seus países de origem e que prometem vir a ser cientistas de valor.

Lisboa é que é Portugal? O que me parece é que tenho que fazer uma reciclagem na geografia portuguesa ou qualquer dia já não sei de que nacionalidade sou ou em que país vivo...

Carlos P. Morais

Este é um dos escândalos da nossa época, mais uma das condenáveis práticas do imperialismo. Quem mais sofre são os países em vias de desenvolvimento, que assim se vêem diminuídos no seu potencial humano, tão necessário ao seu progresso.

Há mais de um milhão de cientistas que foram «recrutados» pelos E. U. A. neste sistema. Para honra e proveito do «Tio Sam» e dos seus «sobrinhos» — mais chegados.

Do mundo novo

VIETNAME

O Vietname é aquele povo heróico que durante mais de 30 anos provou com o sangue o seu direito e aspiração irresistível a viver em paz. Poucos anos atrás, as armas imperialistas deixaram de se ouvir na terra finalmente livre e imediatamente começou a tarefa gigantesca da reconstrução.

E da terra queimada pela napalm, bombardeada, minada, tornada estéril por produtos químicos altamente destruidores, começa a surgir a imagem do país com que sonhou o «Tio Ho». Os campos voltam a ser trabalhados e a produzir, as aldeias destruídas são de novo levantadas e todos

aqueles cuja preocupação durante anos foi sobreviver podem agora pensar em viver.

Mas ainda hoje morrem, violentamente, homens, mulheres e crianças no Vietname. Não, como pretendem certos jornais, por haver perseguição e ódio aos que fizeram parte do exército vencido. Quanto a isso basta dizer que centenas de oficiais superiores do exército mercenário pró-americano, entre eles o último comandante militar de Saigão — hoje Ho-Chi-Minh — não foram presos e julgados mas são agora recuperados em contacto com uma nova forma de viver, para assim virem a encontrar um lugar na construção do novo país.

Não é, pois, por isso, que ainda hoje se morre violentamente no Vietname. Mas porque os campos, os caminhos, os bosques estão ainda cheios de bombas por explodir. E então, antes de os camponeses partirem para semear, a terra tem que ser limpa. E são milhares de jovens que se entregam a essa tarefa única, perfurando com um bastão de metal cada centímetro de terra, desarmando e fazendo explodir em segurança as minas e bombas que impedem a semente de produzir.

E dizem que quando uma mina explode traiçoeiramente, antes de ser desarmada, a terra nesse local produz mais semente.



Ilídio Martins da Silva
Rua 33-Bairro Moderno-Espinho

PORTE
PAGO